

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

# O PENSADOR.

Tres vezes por mes, nos dias 10, 20 e 30.

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

BIBLIOTHECA PUBLICA do ESTADO DO MARANHÃO

—O Juro non stans perculi dicitur, et revolutio non tantu doctrina, in scriptis legitur, in actibus ad circumlocutionem erroris. (S. Pauli, Epistolae Gal. V. 1. D. ad Epistolae.)

FUNC — MA. Biblioteca Publica "Benedicto Leite"

Maranhão, 10 de Outubro de 1881

Propriedade de uma associação.

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE OUTUBRO DE 1881.

#### O que querem os padres.

A igreja catholica foi civilisadora até o V século, dominadora, absoluta e persiguidora desde essa epocha, e no XV secolo começou a lenta agonia desta imbução theocratica, que felizmente hoje apenas é um cadaver que se dirige ao túmulo illuminado pelas chamas sinistras das fogueiras da inquisição.

Quando a igreja catholica não illuminou mais as consciências com a palavra divina do martyre filho de Maria accendeu fogueiras com que illuminava as praças publicas para queimar os homens que não crêo mais no infame theocrazia.

Era o fogo do seu seculo inferno transportado para o *Quinquiesimo de la Cruz*, onde immolou o direito, a sciencia, enfim a razão humana, perante o immenso poder do obscurantismo.

O fogo da leuda substituiu o fogo da intelligência.

A igreja preparava os seus lheres e do meio de cada fogueira sahia um fardo de maldição que ia representado em todas as consciências até a posteridade.

A obra de São Paulo no IX secolo, estava ja tão transviada do seu nobre fim, que os papas não podendo mais dirigir o homem para a sozinha salvacão eterna, pretendo dirigilo ao politico.

O seguinte facto historico basta para caracterizar o que pretendia a igreja nessa epocha.

A porta do céu fechou-se e o campo das grandezas mudanas começou a ser cultivado pelos successores de São Pedro, que trabalhavam para estabelecer a supranância dos papas sobre os reis.

A jurisdicção dos pontífices data da decadencia do poder monarchico, na familia Carlovíngia, em consequência dos costumes desregrados, e deparperamento intellectual das descendentes do grande Carlos Magno.

Um dos seus descendentes, o rei Lothario, que já pensava em sacudir o jugo da igreja, repudiara Theoberga filha de um conde de Burgonha, com quem se havia casado em 806, accusando-a de incesto com seu irmão atade de São Mauricio do Luxem. Este servo do Senhor, submettendo-se ao juizo de Deos prova tudo usada na idade media, por superstição e ignorancia do direito foi julgado innocente, e Lothario sollicita a permissão de ir á Roma explicar junto do papa a sua conducta, e Nicoláo I negava-o com altivez.

Depois da morte deste pontífice, o rei aproveitou o ensejo de ir á Roma a frente d'um exercito, como auxiliar do papa contra os Sarracenos que devastavam o meio-dia da Italia. Porém os chieis da igreja tratavam antes de provar que as altas dignidades deste mundo se devem submeter ao seu juizo, e nos seus lamentos a transcrever as palavras do arcebispo de Rheinar, sobre a recepção de Lothario pelo papa Adriano II, para melhor comprehender-se as pretensões da igreja, e o que ainda hoje quer:

«Quando o papa Adriano entrava em Roma, Lothario, que o acompanhava, chegou a igreja de S. Pedro; mas nenhum padre se apresentou para receber o rei, que só com a sua escripta se dirigiu ao túmulo do apóstolo, e depois foi alojarse em um apartamento junto á igreja.

Nem mesmo tiveram o cuidado de varrer o alojamento. O rei pensava que no dia seguinte, que era um domingo, lhe deixassem ouvir missa, porém o papa não lho concebo. Todavia o rei entrou em Roma no dia seguinte, e juntou com o papa no palacio de Lafran, onde se immolaram reciprocamente.

Depois Adriano convilou Lothario com toda a sua corte para uma communião solemnem; mas foi com clausuras que horrorisou. Depois de acabada a missa o soberano pontífice, tomado em suas mãos o corpo e o sangue do Senhor, chamou o rei junto da mesa do Christo, e lhe fallou assim: Si estás innocente do crime de adulterio, de que feste accusado por Nicoláo, e si assentas em tua coracão, em todos os dias de tua vida, de nunca teres feito commercio illicito com Valdrada (com quem se casara o rei depois da separação com Theoberga) approximante com confiança, e recebe este sacramento solitario, que será para ti, penhor da remissão de teus peccados e da tua salvacão eterna. Mas si em tua alma te julgas ainda capaz de color as seducções de sua amasia, absten-te de tomar este sacramento, de modo que o Senhor não transforme para ti em veneno o remedio que destina aos lieis. Lothario recebeu sem se retratar, e perturbado, a communião das mãos do pontífice.

Depois Adriano voltando-se para os acompanhados do rei, lhes offereceu, á cada um, a communião nestes termos: Si não consentiste nas fallas do teu rei Lothario, posse o corpo e o sangue do nosso Senhor Jesus Christo te servir para a vida eterna. Alguns sentindo-se culpados tomaram temerariamente a hostia. Este facto, passou-se no domingo 31 de julho do anno de 806, e os que tomaram a communião morreram por juizo divino antes do 1.º dia do anno seguinte somente escaparam os que recusaram tomar a communião. O rei sacramentou no dia 8 de agosto, e Adriano recordou o juizo de Deos nesta calamidade e mostrou aos reis da terra que deviam submissão á igreja.

Era costume recorrer, nesses tempos,

ao juizo de Deos, e era indifferente offerecer ao accusado um veneno ou um alimento salubre.

Assim os papas para estabelecerem a sua supranancia empregavam todos os meios que dão o poder junto com a perversidade. Os crimes da igreja catholica estão cheios de crimes; bem averiguados pela historia, e a posteridade já lançou o seu veredicto.

O que querem ainda os padres? manterem uma posição de todo perniciosa? Si para sustentarem uma doutrina, que todos os dias perde prosélitos, e decaem na consciencia publica, na antiguidade empregando a veneno, ou punição, e nos nossos dias procurando os bestas de ferro para insultarem, e que vos ajuntaes, fraudalices, e furioso confessar que a vossa actividade e mápra, é torpe.

O nosso céu não seduz senão a velhas bestas, e os vossos esforços são impraticáveis perante a civilisacão moderna, e o homem é muito mais feliz com a sciencia do que com as vossas doutrinas.

Retirai-vos obrevas das trevas diante dos olheiros da luz.

#### 1 caridade de d. Antonio.

O Ordinário de dia para dia vai piorando, de um modo incrível, a situação pessima, embaraçosa, cheia de difficuldades e tropeços, em que o collocou a sua elevada ignorancia e os seus maus sentimentos do velho sacerdote romano.

Gerando por meia dúzia de jesuitas, que não têm a minima responsabilidade de seus actos, humas maus, cruéis, — traidores como Judas, perversos como Cain, s. exc. roma,² consento que a sua custa esses affames damninhos; esses bandalhos anglicos, continuem no firme proposito de prejudicá-lo, de desmoralisá-lo, com o fim unico do satisfizerem as suas paixões pessoais, de recusarem os seus interesses preferenciaes. E até onde pôde chegar a necessidade de um homem. E esse sempre o resultado da ignorancia das autoridades. Quando o homem não tem consciencia de si mesmo, é o mais infimo dos animais e ao mesmo tempo o mais pinguico, porque obra na razão directa da sua ignorancia, e serve regamente de arma nas mãos dos especuladores.

Vejamos. Um facto, recentemente acontecido nesta capital, prova o que acabamos de dizer, e demonstra de uma maneira clara, evidente, incontestavel, o quanto é baixo o caracter faccioso desse vil ultramontano que nos veio do Pará, deitando lá prosélitos e na mais completa miseria, duas innocentes offas do collegio do Anapuro; desse desordeiro que já devia ter sido envolvido a chicote da selo da sociedade, onde vive; enfim, desse jesuita que é o braço direito de d. Antonio, Gerardo Antonelli d. um Pio IX de feira.

Esse discípulo de Loyola é o culpado por todos os actos maus do mitrado e unico responsavel pelo que se deu ultimamente.

Exercia inferiormente o legar de vigario da freguezia da Conceição, da qual já era ha muito conjuetor, um homem virtuoso, para quem a caridade era o principal movel de todas as suas accões. Nohem ou plebeo, rico ou pobre, a todos prestava attenção, e todos tratava com caridade. Era o homem, podemos mesmo dizer, mais estimado, mais apreciado da sua freguezia. No exercicio do seu cargo era em extremo, o que se podia deajar de dedicado, de evangelico. Sem ostentação, sem vaidade, socorria a pobreza e protegia a orphanidade. A sua bocca estava sempre prompta para consolar. A sua mão sempre aberta para fazer o bem. Era todo bondade e mansidão. Se fosse mais idoso, teria sido o bispo Bonifacio do autor dos «Miseraveis». Dir-se-lia um apóstolo dos primitivos tempos do christianismo.

João Tolentino, que é humigo ligada da honra e da probidade, tudo isso reconhecendo e ao mesmo tempo invejando, procurou inutilisar esse homem pelo simples facto de cumprir, restrictamente as suas obrigações, por ser um sacerdote digno do Christo e não um servo vil e obediente do papado.

Chama-o para a luta baixa e degradante que fez aqui apparocer, com o nome de—questão religiosa—e que só tem na luz—marchar a sociedade para assim poder dar expansão aos seus sentimentos de D. João de sacrificio e as suas aperfeiçoadas qualidades de herapio, isto é—de saltador de rampeta. O padre Gervasio recusou. Não quiz ligar-se a esse jesuita, porque de perto conhecia-lhe as pessimas intenções. Fizera o seu dever, illustra que era homem de bem. João Tolentino amonitou-o. O padre honrado e sábio. O jesuita veio que não podia corrompê-lo de forma alguma, intrigou-o com esse mitrado parvo e pedante—e a consequencia disso foi triste.

Demittirão-no do logar inferno, que honradamente occupava, visto formalmente recusarem as infames qualidades e as immoralidades contínuas que de si exigião.

Um ultramontano é chamado do interior para substituí-lo. O pã é assen arrancado de um modo violento, brutal, indigno, da bocca d'um homem pobre, mas d'um homem honrado. E o pã é tambem arrancado á um grande numero de familias desvalidas, das quies Gervasio era o unico arrimo.

Passou-se o tempo. Eis que o padre Mira-sol falla em pedir dispensa de vigario da freguezia da Conceição.

De quem deveria d. Antonio lançar mão? O bom senso, a si razão, se fusessem a ortuna que guisasse s. exc. roma,² na pratica de seus actos, seria esta a occasião propria para desfazer o mal que havia feito ao padre Gervasio, nomeando vigario da Conceição, S. exc. 2.º; sim não entende. Obbedecendo ás impulsões malignas do seu espirito transvel, incapaz de qualquer rasgo de generosidade, vai nomear um outro. Falla-se, e

falla-se com insistência, corre como cetro, e ha mesmo gente lá do Paço Episcopal que affirma ser nomeado para o logar de vigário o revd. padre Castro.

Mais uma vez provará s. exc. revm.º o quanto é injusto e mau a pratica de seus actos. Não lhe estranhámos semelhante cousa. S. exc. troca todos os dias o papel de ministro de Christo pelo de Herodes. Ha em s. exc. os instinctos ferozes de Nero e as caprichos bestiaes de Galguda. Este fez do seu cavallo um pontífice. S. exc. vai fazer do padre Castro um—vigário, já tendo feito do padre Mourão um—arcipreste. Parece-nos que a alma de s. exc. é um inferno ardente de odio e malvadez, do fundo da qual Satanaz dá rugidos terríveis. E que Satanaz, na hora sombria e tragica do Calvario, premeditou uma vingança terrível, monstruosa, contra o Christo, e elle encarnado na figura sinistra do pai romano. E s. exc. revm.º é um digno sacerdote da igreja de Roma, cujo evangelho é o—Syllabus—produto estragante d'uma imaginação doentia.

Mais uma vez a honra, a probidade, são deixadas de lado para fazer-se não do simples especulador que como Deus vende Christo.

O padre Gervasio vai ser proterido por um ultramontano. E para que se desse tal cousa foi preciso pôr-se em pratica os planos de que sempre se servem os sacerdotes da Curia Romana. As intrigas mesquinhas, as calumnias indignas, torto as armas legais, honrosas, de que se utilisaram aquelles que cavarião a ruína do padre Gervasio. E cavarião-na, com a perseverança maligna dos conspiradores das trevas. E um grito de dor, que parte do fundo do abysmo, é a única vingança da victima contra os seus gratuitos inimigos. São insensíveis a isso. Não a menos lhes troncem as almas. E que elles as têm empurradas e negras como a calumnia e duras como o granito.

Quaes as consequências do semelhante facto? E estar o padre Gervasio Antonio Nogueira soffrendo moralmente. Tal cousa era inevitável. Homem de elevados e bons sentimentos, de um coração nobre e bem formado, de uma alma grande e sempre prodiga em beneficios, de uma consciencia pura e clara, impressionou-se e impressionou-se bastante. O seu espirito já estava fatigado, sem forças, de tanto soffrer, de tanto supportar. Sem sequer se poder resistir, oppoimto aos desgostos uma barreira de indifferença.

D'uma organização interior por demais delicada e sensível, era impossivel permanecer no mesmo estado, sem que lhe apparecesse um soffrimento qualquer, ante as infamias, as intrigas, as vilzezas, e calumnias que lhe forão levantadas e até mesmo lançadas nas faces. Que isso tudo parlisse do jesuita—chefe, somente delle, tudo lhe era supportavel. Mas é que Gervasio foi traído, ludibriado, calumniado, infamado, por aquelles que se dizião seus amigos. Obedecção assim não só aos seus interesses particulares, como também as ordens de João Tolentino. Que homens o que amigos?!... Hoje um, que attende pelo nome de—Castro,—homem essencialmente retrogrado, de alma corrupta e negra, com coração de serpente e sentimentos de fera, que, chamando a Gervasio em particular, lhe disse com a mais pronunciada hypocrisia:—O bispo não te nomeia, porque não querias taxiança.

A infamia tocou então ao seu apogeo. O amigo fôra, terrivelmente ingrato.

Essa phrase foi como um raio que fulminou o padre Gervasio, reuando-lhe a paz, o sossego, a tranquillidade. D'alí toda a impressão d'onde lhe provio o soffrimento moral. O seu amigo desempenhara optivamente a parte que lhe havia sido destinada neste crime. Dava-lhe uma nitida prova de amizade. Dissera-lhe semelhante cousa propositalmente. Sabia, tinha certeza, que ella far-lhe-hia mal, causar-lhe-hia a desgraça, isto é,—completaria o crime.

Hoje estão os desordeiros, os perturbadores da ordem, que vivem occultos em Santo Antonio, mais que satisfeitos, fútilisario, ainda que talvez por pouco tempo, um homem bom, um homem de bem. Dissizerão-se d'um sacerdote honrado e caridoso. E elles, os malvados, os perversos, cheios de alegria, contentes de prazér, n'um enthusiasmo louco, regozião-se pelo triumpho que o mal alcançou sobre o bem. Ah! Devia estar assim Lucifer no dia fatal em que desgragou o primeiro homem no paraizo bíblico!

João Tolentino chega mesmo a dizer,—que malvado! que traidor! que—ha de matar o padre Gervasio para o hospicio de Pedro II. Ah! Tolentino, tu não precisas de um hospicio! Não. Tu precisas de cousa mais dura, mais forte. Ha muito que uma grilhela devia ligar-te os pés. O que tu mereces e que se escreva na tua cara bronzada, com um ferro em brasa, esta palavra que te caracteriza perfeitamente—EXXAXE—e depois recolhido a uma cadeia publica, de pareceria com esse mitrado insolente, atrevido, grosseiro, bruto, mau e deshumano, que em vez do laçulo de que se serve para maltratar o publico, devia ter nas mãos uma busca vara de ferro. Isso mesmo ser-lhe-hia por demais honroso. O mais soltegem vaporem dos nossos serões é mais delicado, mais tratavel, mais humano, mais caridoso que o nosso bispo.

Ha homens que são alguma cousa por que nunca poderão ser nada. D. Antonio é padre e hoje bispo porque não ponde ser outra cousa ou porque lhe fizeram, como ultimo recurso. Ha certas benevolencias do destino para com certas entidades. Se a sorte o desviasse mais para um lado do caminho que trilha, teria ido dar um saltador de estrada, ou n'um palhao de feira.

O mal está feito. O padre Gervasio achou-se enfermo. Livrarão-se roferidamente d'um homem de bem, honrado, d'um cidadão distincto. Era preciso que se fizesse isso para que um outro, que só se recomenda pela sua parvoice, podesse alcançar o logar de vigário.

Sobre s. exc. revm.º pezo a responsabilidade homensa do facto que acabamos de narrar. Hoje a opinião publica, com o braço estendido, aponta-o como o causador dos soffrimentos do padre Gervasio.

Se a consciencia ainda não abandonou de todo s. exc. revm.º, o pouco que lhe resta ver-so-ha, em momentos tristes, aterradores, assaltado e torturado cruelmente pelas garras cortantes dos remorsos negros.

Mas será tarde. A desgraça já estará feita ha muito. A sua reabilitação será impossivel.

E aquelles que o obrigão a proceder de encontro a justiça, a razão, o direito,

aos sentimentos humanitarios, por sua vez repellido-hão, como consa indigna meio das gargalhadas do desprezo e dos apupos da populaca.

Dr. d. Antonio d'Alencanga perante a opinião publica

Que juizo formam todos os homens sensatos deste paiz, do sr. d. Antonio? O que d'elle geralmente se pensa?

Que s. exc. revm.º não tem um só dos requisitos necessários para descurrir para alto cargo. Que s. exc. é um homem inepto. Que o seu episcopado tem sido altamente prejudicial para a boa ordem da provincia e para a causa da religião. Para a causa da religião porque s. exc. com suas manieiras leuzas, seus actos irreflectidos, tem levado a descrenga a muitas pessoas sinceramente catholicas. Para a boa ordem da provincia, porque ella, que sempre vivera placida, sente-se repentinamente presa de uma convulsão immensa.

De todos os lados recche o sr. d. Antonio provas da desconsideração publica. Ao passo que todos os dias o seu antecessor era saudado pelo povo, s. exc. passa esquecido pelas ruas, vaga desde o seu parco até o seminario das Mercês, sem receber um só cumprimento. Ninguém procura-o. Todos temem o seu contacto.

E o que resta a fazer ao sr. d. Antonio? Qual o procedimento que deve ter, em face dos acontecimentos que se dam? Uma de duas:—ou abandonar esta diocese e ir refugiarse em S. Paulo ou abandonar a trilha perigosa em que o collocaram perfidos e maus conselheiros.

Embora o sr. d. Antonio nos taxe de inimigos, não poderá lutar-se a reconhecer a sinceridade do conselho que lhe damos. Nós o que queremos é livrar-o das garras da camarilha negra que o cercam. Nunca foi intuito desprestigiá-lo no conceito publico, mas tão somente, trazê-lo para o bom caminho, de que involuntamente o afastaram.

Procura, pois, reabilitar-se, sr. d. Antonio. Procura reconquistar a consideração publica, que lhe muito perdeu. Si não o puder ou não o quizer fazer, vá-se embora para sua terra. Deixo-nos em paz. Não queremos deslucido.

Vá-se, Sr. D. Antonio, antes que operem irremessivelmente.

COLLABORAÇÃO

Um empregado do governo insultando o governo.

Todos nos conhecemos quem é o capitão E. Faria. Cidadão crapuloso e devasso den agora para *ter boas costumes*. Está de gorra com a gentalha da infamante «Civilisação». Tardia regeneração!

Depois de fazer parte do *rapazão infame*, que conseguiu pezar um pouco em seus excessos, teve o deslucido pecto das *que bebem e dos que furtão* a sua de fazer côro com a escoria da nossa sociedade contra a nossa sociedade.

Era muito natural. *Soules com similitas fozle coagregadas*.

O que não achamos regular é que o governo deva aturar e que tem aturado. Não é uma censura, que fazemos ao distincto cavalheiro, que dirige os destinos desta provincia. Estamos muito longe disso. Sirva, parente, de lembrança para que elle possa obrar conforme entender de justiça.

O sr. capitão Faria, ex-trovador d'alta noite, inventor do versos e chulas do theor da *Maria Caenen* etc. etc., achasse logo empregado do governo.

Não contente com essa teta quiz o mesmo capitão manar a dois carrinhos. Crente-se um jornal, orgão dos interesses catholicos. O nobre capitão, dotado de rara habilidade para manejar a pena no insulto, foi escolhido para pertencer ao grêmio infamante do tal jornalico. Tomou parte activa na redação. Principiou a dizer, imitando os padres, que o *rapazão era infame*, desmoralizado, que o governo andava de mãos dadas com a criminalidade e outras queijadas asneiras.

O jornal catholico desceu até chafurdar-se na lama. Quiz conseguir o seu vil intento. Baldados estorvos!

A magistratura maranhense, que não é immaculada como o são as cousas da Igreja foi a victima mais proxima dos bores da canilha. O proprio governo foi acro e injustamente accusado pelo infame papulcho e essa gazeta manada tem em seu seo um empregado publico, pago pelos cofres provinciais.

Os padres inventavão e escrevião asneiras de parceria com esse empregado publico, não cumpridor do seus deveres, com a mesma facilidade com que engolem ostias e chapão o vinho da missa. E continuão na sua vergonhosa empresa.

O capitão Faria é connivente com todos esses actos altamente escandalosos. Elle mesmo o diz a quem queira ouvir. E tudo isso, toda essa infamia pratica o satellite da negra ideia visando talvez, mas muito conto de seduzias mensagens.

Miseravel!

Cumpre-nos pois chamar a attenção do governo para o caso. Como empregado publico não pode o sr. Faria fazer parte de uma redação que ataca o governo.

Temos fé, que o dr. Giacinto illustrado e justiciero, como é, não consentirá que continue as cousas a esse *stato quo*. Demitã-se esse empregado a bem do serviço publico, a bem da moralidade e para garantir a energia do governo.

As cousas não podem assim continuar. Esperamos as providencias.

Voltemos.

Turquino Prizes.

Curta advertencia.

Se o bispo não sabe, que saiba agora: 1.º Que elle não devia ter nomeado uma só senhora para superiora do recolhimento e directora do Asylo. Ha n'isso incompetibilidade.

2.º Que constamos que a digna senhora, que accetion haes encargos, está pelos cabellos para se ver livre d'elles. Não pode ella aturar o peso d'essa administração e muito menos as manieiras leuzas e alcoolinas de s. exc. revm.º

3.º Que é preciso, que s. exc. se comenza no seu procedimento. Não se diz a senhoras com manieiras tão pouco delicadas, como aconteceu no convento, out-

tem dia: isto aqui é para quem quer... quem não quiser não.

4.º Que s. exc. não lira partido com este seu cretado

Moses Tude.

O padre Barbosa.

Já uma vez nos occupamos da individualidade do sr. padre Barbosa, apontando os seus muitos defeitos moraes.

Denunciamos-o como um brecaem de maus costumes e heroe de mil facanhas amorosas. Fizemo-lo com uma inebração nobre e elevada.

Queriamos que os incautos se acuntessem contra os hotes dessa vibora.

Em parte logramos o nosso intento, porque o publico ficou combeccador de quem é esse padre, que deitaxo da capa da hypocrisia passava por um homem de bem.

S. exc. volu, porém, que faz garbo em viver cercado pela escoria do clero, chamou-o á sua convivencia, visto ter nelle encontrado os predicaes necessarios para ajudal-o na empreza baixa e mesquinha forjada no outro do Santu Antonio—covil de scarios.

O padre não vacillo.

O encargo era digno de seu caracter.

O padre Barbosa, quando para mais nada servisse, puzse os dotes preciosos para angariar entre as gentes de sua grez, aquelles que mais possam corromper e vilipendiá a santa morada do Christo.

Está pois completa a herança da sacristia, isto é, as scenas escandalosas que lá se praticam quotidianamente, tendo por protagonista o celebre Mourão, acham um excellente adepto na pessoa do recem admittido.

Saudamos ainda mais uma vez o sr. d. Antonio, pela acertada escolha que acaba de fazer.

As vicinas.

O privilegio dos bispos.

Registramos, mais uma vez, a falta de senso, ou antes a ignorancia, que assiste em todos os actos emanados do poder de s. exc. revm.º o bispo diocesano. E' preciso que todos, thóricas e deuses saibão, fiquem plenamente convencido de que o Sul capricha em remetter-nos a que por lá ha de prior, isto é, humens da força dos Alvarengas.

Fazer uma resenha, emboca rezumida, de tudo quanto tem praticado o bispo e que aliás pouco lhe abona, seria, de certo, reproduzir censuras já de muito exhibidas ao publico por este jornal, sendo ligar importancia a tão insignificante individualidade: esse parvo, que mais propensão tem para chom do que vocação para bispo.

Torna-se, contudo, de summa urgencia, que scientifiquement o publico de mais um disparate episcopal.

E' dever do todo o homem tratar aos outros homens com delicadeza e ás senhoras com mais alguma atençaõ, devendo isso á certas regras socieas estabelecidas pelo direito das costums.

O nosso pastor, porém, que é ou se faz lólo para não remar, resolveu abrir uma excepção, despregando principios

lão commesinhos. Trata elle ás senhoras, como se fossem homens e a estes como se dirigindo a animaes. Tudo isso denota supina ignorancia.

As senhoras, que têm a infelicidade de conservar-se no recolhimento d'esta cidade, por isso, que estão dehaixo do dominio episcopal, são as que mais soffrem a falta de educação de tão fátuo personagem.

Uma auctoridade, por mais amplo poderes que tivesse, jamais deveria penetrar em um asylo de senhoras, sem primeiro fazer-se annunciar.

O actual prelado não só entra n'esse asylo de uma maneira brusca e impropria de sua posição, como tambem falla com grosseiria á aquellas, que lhe são subordinadas.

Em uma das semanas passadas resolveu dar um ar de sua graça e surdo na porta d'aquelle pio estabelecimento das sympathias do finado e exemplar bispo o sr. d. Luiz.

Logo na entrada quiz mostrar o nobre paifistano, que a ignorancia, algumas vezes, é um mal, que não tem cura. Principiou por fazer reprehensões peneas cabíveis e meuas delicadas á todas as senhoras ali residentes. São phrases d'elle: isto aqui é para quem quer, quem não quiser não.

Taes palavras serão inoffensivas se, partindo dos labios de um homem fosse pensar nos ouvidos de outro homem; mas, certamente, tal admoestação é tão inapria para quem a faz, quanto altamente offensiva para quem a recebe.

As senhoras curvarão a cabeça ante a lenial auctoridade e ouvirão-o, que ainda mais lhes quiz dizer o digno bispo. Reziguarão-se.

Agora, duas palavras: é preciso que as Exm.ªs recolhidas saibão, que ellas não devem obrigação alguma á tão atrevido director. O pouco favor, que lhes é concedido é por iniciativa do governo. O bispo ali entra a dar ordens, como um bedelho, que é. Os padres têm o direito de metter o nariz em toda parte.

Quanto ás admoestações: nada valem. O privilegio de quasi todo bispo é ser ignorante. Não é portanto de admirar, que tão cainho prelado esteja para ali tentando morder a gente.

A propósito e para remate deste artigo, transcreveremos a christosa e seguinte verso de Bocage:

Dizem que Flávio glotão Em Bocage afferra o dente. Ora é forte admiração Ver um cão morder na gente.

O serviço da Sé.

No passo que a erga de Santo Antonio vive cheia de padres, que levão uma vida folgada, divertida e capidiosa, a Sé é completamente abandonada por aquelles que têm obrigação de lá ir todos os dias cantar o côro.

E o governo paga esses homens para fazerem esse serviço. No entanto não ligio elles a minima importancia a tal coisa. Ha um desmaelo completo a esse respeito.

Inda no ultimo domingo cantavão o côro—dous padroes e o conego Osorio!!!

E' ali onde pode chegar a relaxação. E o que faz d. Antonio nesse sentido?

Nada. Concorre para desmoralizar tudo

que diz respeito a religião, da qual se infelicitamente a igreja ainda acha-se ligada ao Estado, tendo por consequente o clero obrigação de trabalhar, pois percibo do Estado a remuneração de tão preciosos serviços.

E como consentir que os padres abandonem o serviço da Sé??

O succisio.

VARIEDADE

O sumo bolonio.

Oh, vos todos que passaes pelos caminhos, que transitais pela cidade, á pé, á bond, á cavallo, á carro, grandes, pequenos, ricos, pobres, nobres e plebeos, vinde ouvir uma coisa grande, a maior sem duvida destes últimos tempos: uma coisa enorme que vos fará arregalar os olhos, alongar o beizo, encolher os hombros, fazer um mouo, menear as cabeças, estalar a lingua, abrindo ligeiramente a bocca, e ulular todos estes movimentos de surpresa e admiración com um sorriso leve, zombeteiro, sarcástico, marresco em fim: preparai pois os ouvidos, reuni-vos todos, aproximai-vos, attenção! attenção!

Sabeis o que é?—Dívado que advindéis!—aposto um queijo de São Bento!—Eh?—acceta?—Pois lá vai.—

O sr. bispo prega no convento de portos fechados!

Pela careca de Alcalaam! Pois D. Gerolamo será um homem tão fecho, que até a luz da publicidade elle se occulta?

Intellectualmente é fecho como um ovo!—Caritativamente e fecho como a burra d'um usurario!—Traz fecho o rusto, como carranca do Bilobirão,—fecho a oração ás necessidades da pobre; feixada a mão para alivio proprio; o palacio fecho para não tomar parte nos folguedos populares; e agora fecha o pulpito ás vistas dos fiéis!

E' que actuamente o pulpito é uma senhala diãde se exaltam innumeras delictorios á consciencia publica. E as sentenças se occultam. Faz bem.

Já teve juizo uma vez. Mas commentemos:

Assistimos um dia um sermão do D. Bolonia, que emphaticamente subindo ao pulpito, persigunando-se, pensando naquinhamente as descarradas mãos sobre o parapeto da tribuna sagrada, olhar accendido, e o gesto medonho e não, retorcendo-se á direita e a esquerda, disse: Meos irmãos, quando eu era fecho, quozem dai sua via barta; barbati dai sua, semibarbatai ego. (São Geronimo, L. X V. 3.ª)

Assim, meos irmãos, ainda que sejamos todas unões em Christo, eu é que sou o pastor, e vos é que sois as ovelhas.

Eu sou o pastor que vigia o rebanho, e vos sois as ovelhas corvadas pelos lobos.

Os lobos são os livres pensadores, que vos querem devorar a alma, atiral-a ao inferno, onde Satanaz (e o pregador) promunciano este nome escipio e benzei-so vos agarrará pelo pescoco, vos arrastará até ao throno do juiz eterno, porque, meus irmãos, Deus tambem está no inferno, por toda á parte; lá sereis pesado a uma balança de kilos; os leves vão para o céu e os pesados vão para

No mais inferno fundo das profundas Cavernas altas, onde o fogo arde, Lá donde as chamas saem furibundas Quando ás iras do Senhor, Satan responde Serão queimadas em fogarço ardente.

Mizericórdia! gritou o vigario de Pirocana, Ai! Jesus, brabait a thesoureira fornida, quem me acode, meu Deus, e Frei Magriço ria-se de contente, sabendo que pouco peza como philosopho, e ainda menos como peza material.

Socega, meus filhos, continou o orador; eu vou rogar ao Allissimo para diminuir a vossa corpulencia, mas é necessario desde já que comais menos. O Pirocana enclugar as lagrimas, e considerou no terrivel dilema—si comer muito vou para o inferno, si não comer... ah! uma lembrança, e cochichou ao ouvido do Anchylostomos, que lhe disse: bimos as restricções mentaes, que estão para a alma, assim como as flores corthicas estão para o corpo.

As primeiras nas livião dos embarcaes da consciencia, e as segundas da ignorancia em melicia.

Não tentais: Deus é grande, e eu sou um dos seus apostolos; eu sou Pedro, e sobre esta pedra (e apontava para si) Christo fundu a sua igreja.

Um sorriso maligno, marresco, maguau, percorreu os labios de Frei Moirão, acompanhando entre dentes este monologio; inconscientemente este trapeiro disse uma verdade!—

Eu já pedi, continou o pastor, nos santos todos da corte do céu; já pedi ao meu beato S. Paucracio, á Sant'Anna do Caretinho, á Santa Paúl, ao beato Pureza, ao beatissimo Tólo, e á todos os beatos da nossa corte episcopal para rogarem por vos, e sereis salvos.

O vehiculo de Satanaz, da rua da Palma, não prevalecerá contra a benta fundu da Davil, que está em Santo Antonio.

Claros irmãos, si já vimos os templos transformados em plató de theatro; si eu mesmo já xinguei no templo á cidadãos pacificos, fã culpa de Satanaz, esse inimigo do genero humano, que se introduz por toda a parte, mesmo no uno corpo tem entrado algumas vezes.

Pé, fe, meus filhos; Deus é grande, e não deixa seus filhos ao desamparo. Lembrai-vos do profeta Elias, como o nosso amadissimo irmão Frei Moirão já vos expone no outro dia; ella é quem sabe essas historias. Elle poderá vos contar como é que, por seu pedido, nunca mais faltou a farinha na panela, nem o aserto, na admoção da viva de Sarepta, depois que este santo padre entrou em sua casa. Por isso, não tentais; os meos santos filhos de Santo Antonio estão sempre prontos a fornecerem farinha e azcile para as vossas panelas.

Antem, antem, bradarão as beatas, e puf, disse o

Compadre Mathews.

ECHOS DA RUA.

Quando transcrevermos a bellissima poesia de Guerra Junqueiro contra o padre Sem Freitas, esquecemos dizer que este jesuita, aliás trefego e atrabulario, é illustrado, ao passo que o nosso São—Mourão é uma gralha que conseguiu por algum tempo impingir-se como pavão a

custa dos escriptos do bispo do Pará.  
— Dizem até que a oração que a grã-lia recitou como sua, por occasião do baptizão do filho de certo capitão é a mesma que na provincia vizinha pronunciou o referido bispo, quando padrinho de uma filha de um tal Frei. E assim é tudo mais.

Monsenhor de Ségur pede no seu testamento que lhe embalsamem o coração, e metto em uma buca e o colloquem entre as línguas da Virzetação, para ali viver eternamente entre santas orações.

— Ora porque não havia este Rev. marujo de mandar collocar o coração entre os frades? ... E ainda ha país de familia tão crentes que deixão as filhas per brever ao *Carvalho de Jesus*, onde não se admittem homens!

O mesmo Monsenhor de Ségur recommenda, no referido testamento, aos fiéis, como o unico meio de ganhar a réu, este triplice conselho:

- 1.º Obediencia completa ao papa.
  - 2.º Um grande amor pela eucharistia e pela confissão.
  - 3.º Um santo amor a Virgem.
- Gaitada da Virgem que já valte menos que o papa! Quem não os conhece que os compre.

Informam-nos que os livreiros, depois da leitura dos ultimos edictos, ficaram de orella em pé e trataram de acautelar seus interesses em perigo, apertando com os Revs. tarifos, e que os que não deram obo tiveram de borrar a estampa-llha.

— Cantados! que fim levariam aquelles mi e lantos assignantes da *Pandorga*, que não os acodem!

O *Rev. Frei Magrico*, depois que lhe desprenderam a barriga do Quartel, não tomou mais a sua garrafa de leite de jumentu, porque, diz elle, é caro e os recursos agora são poucos.

— Não gostamos do jesuita, mas temos pena do homem e por isso diga-nos com franqueza de queira é a jumentu que celebremos relação ao prego.

O incensavel *Sen. Puzeca*, assim que soube que *Frei Magrico*, por falta de recursos, privara-se do precioso leite, procurou o *Vigário de Piracema* e perguntou-lhe se o de mulla não poderia servir.

O *Vigário* respondeu: eu cá levo ludo, mas o *Fonseca* é um pouco bueiro.

— Este *Vigário* é incontestavelmente um bom vivante.

Assim que o capitão *Bristol* soube do facto do leite de jumentu, mandou á *Rev.* mandou duas mamadeiras e quatro latas de leite condensado.

— Mas vale amigos na praça do que dinheiro na caixa.

O infame *Gabrielão* afirmou na *Pandorga* de 10 do corrente que Agrippino Azevedo pretendia um lugar na policia e que o digno chefe o mandara passeiar. E Agrippino Azevedo proxen na Pacotina com documento firmado pelo refe-

rido Dr. Chefe de Policia que aquelle padre mentira covardemente.

— Todas as vezes que a camalha presente ridicularisar algum dos nossos companheiros é assim que os confundimos.

O padre Gaedella Mourão ainda não disse a Pedro Freire quem substituiu Do rothen Manoel Pinto.

— Não diz nem dira, porque *testa de ferro* aqui ha poucos e ha fora o Gonzaga não consente.

Mocimento dos templos, Santo Antonio na Sexta-feira ultima:

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| Beatas do povoão.....               | 13 |
| Ditas da <i>pajunguã</i> .....      | 18 |
| Theozoneira repolluda.....          | 1  |
| Zeladora quasi secca.....           | 1  |
| Grande chefe das <i>pagãs</i> ..... | 1  |
| Seu pão que já deu vinagre.....     | 1  |
| Sua picara beida e suja.....        | 1  |
| Sua negrinha adestrada.....         | 1  |
| Curiosos diversos.....              | 11 |

NR: *Sen. Puzeca* já não falla. Uma só vez á funcção. Mas não leva *aquella* orphã. Com medo do seu Mourão.

Sovar *Poupançade*.

**CRONICA**

— Meos senhores, eu bebo a saúde do nosso amado pastor.

— Digo um outro brinde.

— Ha-de beber primeiro este, e o de hora.

— Então devia ser o ultimo.

— Silêncio, meos amigos; reparem que estas palavras são de jumento!

Fabro vozes acompanhadas do timbre copos, sitam de um acanhado compartimento do botecoim do Carvalho, no largo dos Remedios, pouco depois das dez horas da noite de hontem, vespera da festa.

Os convivas que ali estavam eram poucos, mas bons companheiros de prado e copo. O nosso Tóto, o Augusto, Euclides e o Puzeca.

O Augusto tinha devorado uma vasta terrina de peixe frito, um boião de tres mezes, uma quantidade prodigiosa de costeletas, metade de uma enorme empada, uma galinha assada, uma tosta de camarão, uma dita de sururu e começava a fazer brecha n'uma verdadeira *Arde* de arroz e estapa!

Fóra o Tóto o autor do brinde ao *amado pastor*.

O Augusto já meos *telephonicos* contestava a oportunidade, e as cousas iriam alem, si o prudente *Puzeca* não os lvesse feito entrar em ordem.

O silencio restabeleceu-se, sendo apenas interrompido pelo *ris*, *ris* das terríveis mandibulas do Augusto, e por alguma pilleria picante, venenosa do *Euclides*.

O Augusto foi essa noite o alvo de todos os epigrammas do gaíto capitão. O *Tóto* tambem não o poupava; digno parente do crestado Louvelace é de certo a segunda cabeça daquella cobra. Mas o Augusto, não se encomodava; a me-

diada que a saravada augmentava, as terríveis mandibulas tomavam mais força. A dez passos de distancia ouvir-se-hia o ruido devastador daquellas terríveis pedras. Era uma machina de trituração da qual os dois companheiros, Tóto e o capitão eram os maquinistas e os epigrammas e doestos o *carrão de pedras*; augmentava de velocidade, a molinha que recedia *combustivel*.

Em pouco tempo a meza era um vasto campo de combate, juncado de destroços e o Augusto, com o bigode a distillar gordura, com o folego afrontado era o general, o heroe da jornada.

— Viva o nosso *quecabo*, grão o Euclides, levando o copo aos labios.

Nada, disse o Tóto, a occasião é minima; bebamos a saúde das nossas amigos ausentes.

— Já lá, exclamou o *Puzeca*, e de pressa que pretendo desdorar a *coza* te *peço*.

O Tóto erguen-se, afagou o cavatigue e assim fallou:

— Dizem que depois que o Egypto passou pelas *sete terríveis pragas* a prosperidade foi enorme; que a praga dos *gababatos*, por exemplo, que tudo devorou tornou o solo mais fértil, de uma abundancia nunca vista.

— O Euclides deu este aparte: *sem dar-lhe pelo grande quantidade de pauco que decorria*...

O Tóto continuou, meio desapontado: — Não será, pois, para admirar que —

o Maranhão, este pequeno Egypto, ainda bendiga, ainda glorifique o nome do sr. d. Antonio e dos seus dignos conductores Fonseca e Mourão.

— Protesto, ruzou o Augusto, s. exc. e os seus amigos não podem ser comparados á *praga* e muito menos á *gababatos*...

O unico parecido com esse *quecabo*, disse o *Puzeca* é o nosso *Fonseca*.

— Ah! senhor, continuou o Tóto, eu empreguei outra figura.

— Protesto, replicou o Augusto, meio de baixo da mesa, nenhuma d'elles é *figura*. Figura é vossê e bem ridicula seo marca de joda... olhe que...

— Que formidavel pouco! assim meti o *parão*, exclamou o Euclides. Deixamos o Augusto dormir. Fica recommendado ao Branco e vamos fazer a digestão.

Bali á meia hora o Euclides em *Carrepora*, á porta da *Mariquinha Pita-de-assuena*, *substancia* no violão uma das chulas mais engraçadas do seu inexgotavel repertorio.

A não ser um ou outro grupo, como o do *Tóto*, que ainda guarda a lembrança das antigas voiatas dos *Remedios*, de certo até essa tradição dos bons tempos leiria desaparecido este anno.

Nunca vi uma festa tão fria. Eo desanimada!

Onde mettem-se o bom humor deste povo? Onde iria parar a alegria destes bons burguezes que pompavam todo o anno para gastar nos dez dias de outubro?

Que fim levariam as danças que se firmavam em todas aquellas casas; as alegres canções ao violão? Os vestidos de

seda, as saias de renda, os ricos *quebecanques*, os *trepá-noleques* de tartaruga que eram exhibidos na missa das 6 horas?

E verdade que a decadencia da popular festa dos *Remedios* não data desde anno, porem nunca a tristeza e a indifferença penetraram assim nesta população!

A festa propriamente dita esteve mais pobre que nos outros annos. A orchestra em que sempre se esmeraram os festeiros foi bastante reduzida e os muzicos de segunda ordem.

Até os *foguetes* tiveram uma redução de *cento por cento*!

Não sou inimigo dos folguedos populares, mas vejo com alegria que todas essas grandes festas que tinham por pretexto algum *santo*, tem desaparecido.

E o progresso, a revolução, que caminha e vai ruendo a igreja até nas suas *pendegas*!

Dizem que o sr. d. Antonio, durante a festa, ausentava-se as noites para longo do precaminoso largo. S. exc. corria espavorido para o seminario das Mercês.

A ausencia de s. exc., o seu rico pago mergulhado em espessa escuridão, concorreram tambem para o desanimo geral.

O povo estava acostumado a ver as portas daquelle palacio abertas, e das seus dançantes esões jorrarem ondas de luz e harmonia.

Estretando estava nas mãos de s. exc. tornar alegre, ruidosa a festa, sem dispendio de luz, sem o menor gasto para a bolsa do sr. bispo, sem ser preciso s. exc. dar um copinho de cerveja ou uma chucara de chá aos seus *amervosos* amigos, durante as dez ou onze noites.

Nada mais facil. Era bastante s. exc. prohibir a festa como fez com a de Santa Filomena? Oh! que festa! que festa faria s. exc. sem ser juiz!

Mas o sr. bispo tornou-se tão inimigo deste povo, que nem se quer dá-lhe o prazer de prohibir uma festa, como a dos Remedios!

O *Mocinho* a quem perguntaram o motivo porque o sr. d. Antonio fugia de casa, respondeu—que era o habilto *robô*! Que o sr. bispo fica todo nervoso quando ouve os moleques gritarem *robô, robô*!

Ha certas birras que não se explicam. Esta é uma d'ellas. Que influencia terá o *robô* sobre o organismo do nosso bispo?

Os ns. 59 e 60 da *Circulação* nada trazem digno de apreção.

A *concho* vestio-se nesses dias com roupa *empastada*. Só do seu *usar* uma *loura* de *tartaruga* *em* *fitas* *verdes* e um *chude* *pebo* *esboracado*, *matinado* *de* *cores* *espartadas*.

Transcrições e mais transcrições! Dou-te e sem tempo para mais aqui lico por hoje.

Maranhão, 9 de outubro de 1881.

Urbano Granier.